I.

Bruxelas determinada em cumprir acordo nuclear com o Irão. Neste programa vamos olhar para as reacções de líderes europeus depois de Washington anunciar que se vai retirar do pacto.

Parlamento da Catalunha elege Quim Torra como presidente do governo regional.

E hoje em análise: "Uma Faixa, Uma Rota" e críticas da União Europeia à mega iniciativa chinesa que quer reactivar a antiga Rota da Seda entre a China e a Europa.

II.

Bem vindos ao Magazine Europa!

Depois de Donald Trump ter anunciado a retirada dos Estados Unidos do acordo nuclear do Irão, a União Europeia veio dizer que está determinada a cumprir o pacto.

A Alta Representante para a Política Externa e Segurança, Federica Mogherini, salientou que os Estados Unidos não podem desfazer o acordo com esta saída.

Federica Mogherini, Representante Relações Exteriores da União Europeia

Esperamos que o resto da comunidade internacional continue a fazer a sua parte no sentido de garantir que tudo continua a ser aplicado a bem da nossa própria segurança colectiva.

Jean Yves Le Drian, ministro dos Negócios Estrangeiros francês também reagiu de imediato.

Jean Yves Le Drian, Ministro dos Negócios Estrangeiros de França Para nós, o acordo não está morto. Pedimos apenas três coisas ao Irão: fazer prova da manutenção das responsabilidades, continuar a aplicar escrupulosamente o acordo e abster-se de comportamentos desestabilizadores na região.

Com base no acordo assinado em 2015, o Irão passou a ter acesso a alguns bens congelados no estrangeiro. Também a vender petróleo sem quaisquer restrições. Em troca, Teerão abdicou de 97% do urânio enriquecido e desmantelou o único reactor de plutónio. Donald Trump disse que este é um acordo defeituoso. Vamos recordar o momento em que o presidente norte-americano anunciou ao mundo a retirada de Washington do pacto.

Donald Trump, Presidente dos Estados Unidos

Estou a anunciar-vos hoje que os Estados Unidos vão retirar-se do acordo iraniano. Dentro de momentos, eu vou assinar um memorando para começar a reintroduzir as sanções ao regime. Nós vamos instituir o nível

mais elevado de sanções económicas. Qualquer nação que ajude o Irão no desenvolvimento de armas nucleares será igualmente alvo de sanções dos Estados Unidos.

Nós não vamos permitir que as cidades americanas sejam ameaçadas pela destruição. Nós não vamos permitir ao regime iraniano a possibilidade de acederem às armas mais mortíferas da terra.

Na sequência deste anúncio, Teerão disse que está disposto a manter o acordo nuclear com os restantes países signatários.

O presidente Hassan Rouhani frisou, no entanto, que pode retomar o programa nuclear se os interesses do país não estiverem assegurados.

Hassan Rouhani, Presidente do Irão

Dei ordens à Organização Iraniana de Energia Atómica para se preparar para agir se for necessário, para recomeçarmos a enriquecer urânio sem quaisquer limitações.

Um acordo assinado em 2015 pelo Irão e Rússia, China, França, Reino Unido, Alemanha e Estados Unidos.

Ao contrário da maioria da comunidade internacional, Israel apoiou a decisão de Donald Trump, juntamente com a Arábia Saudita, Bahrein e Emirados Árabes Unidos.

III.

Na Catalunha, o parlamento elegeu ontem Quim Torra presidente do governo regional. O novo líder voltou a sublinhar que Carles Puigdemont é o presidente legítimo, como nos conta a jornalista Lina Ferreira.

Quim Torra é o novo presidente do governo regional da Catalunha. É também uma das figuras menos conhecidas dos independentistas catalães, embora tenha dirigido em 2015 durante vários meses a poderosa associação cívica separatista Omnium Cultural. Agora que foi eleito, deixou claro no primeiro discurso qual é a sua visão para a região.

Disse que Carles Puigdemont é o presidente legítimo do governo regional daquela região espanhola e prometeu ser "leal ao mandato" para "construir um Estado independente em forma de República".

No discurso, defendeu uma "nação plena" catalã e sublinhou que ninguém vai perder direitos. A república é para todos e não interessa em quem se vote, disse, anunciando que vai criar um "conselho de Estado no exílio" com o ex-presidente regional Carles Puigdemont.

O Governo espanhol, dirigido por Mariano Rajoy, já avisou que poderia a qualquer momento voltar a intervir na Catalunha se Quim Torra violar a constituição.

IV.

E virando agora as atenções para a Ásia.

Hoje em análise temos um relatório de 27 embaixadores da União Europeia sobre a iniciativa "Uma Faixa Uma Rota", que quer reactivar a antiga Rota da Seda entre a China e a Europa. De acordo com uma notícia do jornal alemão *Handelsblat*t, os diplomatas assinaram um documento crítico que põe em causa os objectivos deste projecto, como nos conta a jornalista Marta Melo.

"Embaixadores da União Europeia estão juntos contra a Rota da Seda" O título é do jornal alemão *Handelsblatt* que dá conta da existência de um relatório assinado por 27 dos 28 embaixadores da União Europeia em Pequim.

Um documento revelado no mês passado e que põe em causa os objectivos da mega iniciativa chinesa "Uma Faixa, Uma Rota". De acordo com a versão em inglês desta publicação, apenas a Hungria ficou de fora neste aviso direccionado a Pequim.

Portugal e outros 26 estados-membros alertam que o projecto ignora as normas internacionais de transparência, vai contra a agenda da União Europeia de liberalizar o comércio e tem como objectivo promover os interesses da China e das empresas chinesas.

Entre as várias críticas, o relatório refere ainda que a nova rota da seda pretende criar divisões no bloco dos 28.

Diz ainda o jornal alemão, que este relatório crítico à iniciativa de Pequim faz parte dos trabalhos preparatórios para a cimeira União Europeia-China que se realiza em Julho deste ano.

Também o South China Morning Post deu destaque ao caso, sublinhando o facto do bloco europeu estar unido no que diz respeito a esta questão. O diário de Hong Kong tem uma reacção de Pequim, que através do porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros realça que a União Europeia veio clarificar que a versão do jornal alemão é imprecisa.

_

Marta Melo sobre um relatório assinado por 27 dos 28 embaixadores da União Europeia em Pequim. Um documento crítico à mega iniciativa chinesa "Uma Faixa, Uma Rota".

E connosco ao telefone está Victor Ângelo, consultor internacional e comentador residente do Magazine Europa, baseado em Bruxelas.

Victor, qual é primeira leitura que se faz deste relatório?

Mostra claramente que existem várias preocupações em relação a esta grande iniciativa Uma Faixa, Uma Rota. E uma das grandes preocupações é certamente a preocupação de ver as empresas chinesas conseguir todos os contratos de infra-estrutura relacionados com este grande projecto das próximas décadas, ou seja, há aqui uma ansiedade, digamos assim, europeia, de que as empresas europeias não terão acesso aos concursos públicos que estarão na base do lançamento desses projectos e que acabarão por não beneficiar desses projectos e que "Uma Faixa, Uma Rota" será fundamentalmente um projecto chinês, virado para os interesses das empresas chinesas.

O documento revela também que a União Europeia receia uma divisão do bloco, com a Grécia e a Hungria a contaram com grande investimento chinês e a serem mais vulneráveis à pressão de Pequim. A Hungria foi o único país que não assinou.

Os chineses têm algumas contradições em relação à União Europeia. Por um lado, agui na Europa considera-se que a China tem apoiado o aprofundamento da União Europeia e que a China é favorável ao desenvolvimento da integração europeia, mas por outro lado, também se sabe que a China desenvolve relações bilaterais com alguns países europeus, de modo a que esses países europeus possam ser os advogados da China dentro da União Europeia. Temos a Hungria, temos também a Grécia, mas não só, temos outros países da Europa do Leste e, em certa medida, cada vez mais temos Portugal também que tem uma posição em relação à China que é mais favorável do que muitos outros países europeus, ou seja, temos aqui uma situação muito interessante em que a China é a favor da integração europeia, mas também quer ter dentro do espaço europeu um conjunto de estados que possam defender os interesses chineses e, por isso, ela investe de modo especial nesses países. Investiu, por exemplo, no Porto de Pireu, na Grécia. Está a investir fortemente nas indústrias da electricidade em vários países, nomeadamente em Portugal.

E por falar em Portugal, entrevistámos o embaixador português em em Pequim sobre este relatório. José Augusto Duarte desvalorizou o documento e disse que a forma como esta informação passou cá para fora foi distorcida. Victor, vamos ouvir.

José Augusto Duarte, Embaixador de Portugal na República Popular da China

Foi um jornal alemão, o Handelsblatt, que noticiou isso como uma fuga de informação direccionada, alquém que quer distorcer uma determinada informação agarra nela e distorce-a, fazendo fake news, que é uma coisa que está bastante na moda. Não há nenhuma declaração de nenhum líder político europeu a estar contra a iniciativa do presidente Xi Jinping "Uma Faixa, Uma Rota". Nenhum, não há um único. Os embaixadores destes estados-membros da União Europeia em Pequim cumprem as instruções daquilo que são os seus governos. O que podem fazer de vez em quando é estudar e dar pareceres sobre um determinado aspecto concreto de algumas matérias, mas mesmo também nessas matérias eles reúnem-se em consenso. São documentos internos, que não têm de ter nenhum efeito vinculativo sobre as relações entre a União Europeia e a China e muito menos põem em causa a relação ou a preparação da cimeira UE-China para o mês de Julho. Não está nada em causa, compete ao bloco europeu defender os interesses do bloco europeu, compete também ao lado chinês defender os interesses da China, mas acho que é normal que nesta defesa de interesses de vez em quando haja as pequenas tensões negociais.

- Portugal tem reservas?

Não, Portugal não tem reservas e as opiniões que têm sido transmitidas pelas autoridades portuguesas têm sido inequívocas sobre isso.

Victor, que leitura é que se pode fazer destas declarações?

Deve ter havido um documento técnico produzido pelas embaixadas europeias em Pequim. Esse documento deveria ter algumas reservas, ou algumas observações críticas em relação ao projecto "Uma Faixa, Uma Rota", mas não era evidentemente a posição oficial da União Europeia. Era apenas um documento interno, técnico, preparado pelas embaixadas. Mas o facto de ele ter sido revelado por um jornal alemão de grande prestígio, que é um jornal de negócios, é um jornal que os investidores e os homens de negócios alemães lêem diariamente, pôs, digamos assim, os embaixadores europeus em Pequim de pé atrás e acabaram por ter que negar a existência desse - eles não negaram a existência desse documento - mas acabaram por ter de dar uma volta à informação que permitisse dizer ao governo chinês que a Europa no fundamental apoia o projecto "Uma Faixa, Uma Rota".

Também temos declarações da directora-geral do FMI, Christine Lagarde, que alertou em Pequim que a Nova Rota da Seda pode "levar a um aumento problemático do endividamento". Estes riscos económicos é também uma preocupação de Bruxelas? Certamente, certamente porque estamos a falar de projectos de infraestrutura muito vastos, que exigem recursos enormes. Esses recursos vão certamente ser emprestados pela China e, por isso, a China criou um banco especial para as infra-estruturas internacionais. Os países europeus e não só os países europeus, também certos países da Ásia Central vão pedir empréstimos a esse banco e isso, evidentemente, vai aumentar a dependência financeira de determinados Estados em relação à China. Mas não é apenas essa a questão. A questão é também de que a Europa gostaria de ver esta relação económica com a China como sendo uma estrada com dois sentidos e não apenas uma via que vem de Leste para Oeste, ou que vem da China para a Europa.

E como é que a China tem reagido a estas críticas?

A impressão que existe aqui na Europa é de que os chineses ainda não estão preparados para aceitar facilmente qualquer posição crítica que venha da Europa, seja ela em relação ao projecto "Uma Faixa, Uma Rota", seja a crítica relacionada com os direitos humanos ou relacionada com o Tibete, ou seja, neste momento, a impressão que existe aqui é de que ainda não é muito fácil criticar o governo chinês no que diz respeito a determinadas questões, mas apesar de tudo pensa-se que tem havido algum progresso e que fora dos projectores públicos, fora das câmaras de televisão e nas salas de reuniões, nos encontros à porta fechada, é possível já levantar algumas destas questões e, pouco a pouco, a posição chinesa poderá evoluir no sentido que possa ser mais próximo dos valores que a Europa defende.

Que papel é que a Europa pode assumir neste projecto?

A Europa certamente quer participar nos investimentos, quer que as empresas europeias estejam também comprometidas e sejam também consideradas como candidatas à realização dessas obras e, por outro lado, a Europa vê com algum interesse evidentemente o desenvolvimento das comunicações entre o espaço europeu e o espaço chinês que são dois espaços muito importantes. É preciso não esquecer que o comércio entre a Europa e a China é neste momento algo de bastante importância. No

ano passado, no ano de 2017, o comércio de ambos os lados atingiu o valor de 600 mil milhões de euros, o que é uma soma considerável. Tem imensas possibilidades de continuar a crescer. Por outro lado, existe aqui em Bruxelas a compreensão clara de que os chineses preferem investir no espaço europeu e que certamente vão continuar a investir no espaço europeu em termos económicos, em termos financeiros. Eu penso que os preconceitos que existiram no passado, em relação ao perigo amarelo, em relação aos chineses, esses preconceitos estão hoje ultrapassados. As novas gerações europeias já não olham para as relações entre os povos dessa maneira, mas evidentemente ainda têm que dar muita importância - e continuam a dar muita importância - a questões fundamentais da democracia, a questões fundamentais do respeito pelas pessoas e nomeadamente do respeito por determinadas culturas, como é a cultura do Tibete.

٧.

Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa

E antes de terminar, deixamos o habitual apontamento cultural. Atenção aos apaixonados por jardins.

França organiza o Rendez-vous aux Jardins.

Entre 1 e 3 de Junho, mais de 2000 jardins, incluindo históricos, contemporâneos, vão estar abertos ao público.

Durante este período vão ser organizadas também exposições, seminários e concertos, e oportunidade de conhecer jardineiros e botânicos.

Como parte do Ano do Património Europeu, o *Rendez-vous* vai pela primeira vez estender se a outros países também: Alemanha, Croácia, Espanha, Estónia, Hungria, Irlanda são apenas alguns dos exemplos

Nos ficamos por aqui, até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, cofinanciada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + (mais). Estamos no Facebook em Magazine Europa.